

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.117

Quarta-feira, 12 de Julho de 1922

PREÇO \$40 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisboa—Telefones 5539-0

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O horário de trabalho

Se a lei das 8 horas serviu quasi só para amorteecer as energias das classes que a gozavam como conquista directa, a sua regulamentação permite o seu quasi aniquilamento

Só pelo esforço próprio se pode garantir o respeito pela conquista das 8 horas

Está, enfim, publicado o decreto que regula o horário de trabalho.

Nesta particular está satisfeita a vontade das classes e dos indivíduos, que contrariamente ao princípio prático da conquista directa de regalias e da estabilidade das mesmas pelo esforço dos próprios trabalhadores, confiavam na regulamentação da lei das 8 horas e no exacto cumprimento da mesma lei, tantas vezes e em tantos lados desrespeitada, com menosprezo do desejo dos mesmos trabalhadores.

Foi melhor assim. Deste modo estão destruídas as ilusões dos que confiavam na acção do Estado, esquecidos de que o Estado quando legisla mesmo a favor da classe operária não o faz senão para melhor salvaguardar os privilégios da classe burguesa, do patronato, de que o mesmo Estado é solidário.

A regulamentação do horário de trabalho, tal como foi legislada, não garante a estabilidade, não dizemos já do horário máximo de 8 horas, mas das 8 horas como horário normal. Subrepticamente institui os horários de 8, 10, 12 e mais horas, bastando para isso que os operários sejam suficientemente ignorantes e sem vontade própria e que os inspectores de trabalho sejam da confiança dos senhores da industria e do comércio, ou suficientemente venais para acharem sempre meios de justificarem os aumentos de horas de labor, sempre que industriais e comerciantes achem azado o momento de aumentar o peso do trabalho sobre os escravos que exploram.

Quando foi publicado o decreto n.º 5516 que legalizava as 8 horas de trabalho, pelos governantes foi declarado que o mesmo decreto vigoraria nos primeiros 6 meses, como experiência. Não declararam, porém, em que sentido era feita a experiência, qual o fim que tinha em vista. Instituído-se no mesmo decreto as horas suplementares pagas em duplicado, instituiu-se um princípio implícito de violação da normalidade do horário de 8 horas.

Muito bem sabiam os legisladores que a urgência de determinados trabalhos em certos e excepcionais momentos, poderia ser satisfeita desde que os administradores das indústrias regularissem de outro modo as condições de trabalho.

Mas aquela circunstância serviu-lhes à maravilha como meio para se justificarem todas as violações do horário.

Demais sabiam eles que as forças do olho vivo asfixiam as condições de vida popular pela provocação das constantes aumentos de custo da vida e pela manutenção de salários inferiores, com o fim provado de forçarem horários de trabalho superiores ao normal de 8 horas, posto que criavam condições de miséria tais que forçavam os operários às horas suplementares para anuírem mais uns patacos com que satisfizessem as mínimas necessidades cotidianas.

No seu jogo criminoso com a própria miséria que provocam, industriais e comerciantes forçaram, em quasi todas as indústrias e em todas as localidades do país, o trabalho das horas suplementares pagas pelo preço das horas normais, e uma das suas lembranças consistiu em pagar o salário à hora, como uma das formas de se fartarem ao pagamento de horas suplementares em duplicado.

Dir-se há que a experiência de lei das 8 horas foi completa e favorável ao Estado e ao patronato.

do horário de trabalho, a ter que ser feita pela Estado em harmonia com a lei 5.516, obrigaria o cumprimento do horário normal de 8 horas, e mesmo assim conforme o espírito patronal, visto que para os trabalhadores organizados as 8 horas de trabalho só podem ser aceites como horário máximo. Que a experiência da lei das 8 horas foi sistematicamente realizada para se obter a actual regulamentação e que destroi por completo aquele horário, demonstra o facto de ser a imprensa burguesa a primeira a embaldeirar em arco por tam feliz trabalho ministerial, que assim atende a todas as conveniências—conveniências que, neste caso, são das forças do olho vivo, das quais fazem parte os grupos financeiros que subvencionam ou estão de posse da maior parte da imprensa que festejou a regulamentação.

Mais uma vez se demonstra, pois, que as classes operárias, mesmo aquelas que pelo seu esforço próprio conquistaram o horário de 8 horas, tem de retornar à acção com energia para reconquistar o terreno perdido.

Sim, porque perderam terreno aquelas classes que, graças ao seu esforço, beneficiaram do horário de 8 horas; que desancaram com a promulgação da lei e que principiarão depois por confiar na sua regulamentação o cumprimento do que havia sido produto duma conquista directa.

E as classes que só aparentemente gozavam dos benefícios da lei, se quiserem, de facto, gozar a regalia do horário de 8 horas, tem que por de parte as restrições impostas pela regulamentação da lei, para imporem ao patronato aquela regalia, e regularizarem a mesma, não conforme os desejos patronais e do Estado,

mas segundo as suas próprias aspirações.

O Estado pela boca do ministro, poderá dizer—e com razão—que regulamentou a lei atendendo ao desejo de todos os que mais persistência e maior força se manifestaram naquele sentido, depois de longos meses de experiência.

Pois sirva-nos de exemplo a mesma experiência e as constantes manifestações do patronato comercial e industrial para obterem a regulamentação da lei em prejuízo operário, não para do Estado conseguirmos regulamentação diversa—mas para realizarmos a conquista directa e pelo nosso esforço próprio do que o Estado, a despeito das eternas ilusões de muitos ingénuos, já mais poderá realizar.

M. J. de SOUSA.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados no comércio

Voltaram ontem a reunir os delegados das associações dos empregados no comércio e da Federação, deliberando em sessão permanente e telegrafar ao ministro do Trabalho e presidente da república, protestando contra o ditatorial regulamento do horário de trabalho.

Deliberou mais publicar um suplemento ao jornal *Era Nova*, órgão da classe, que será distribuído amanhã, convocando uma sessão magna que se realize na Associação dos Caixeiros, na rua António Maria Cardoso, 20, pelas 21 horas.

A BATALHA em PARIS

Vende-se na Maison de la Presse Portugaise—Rue Blanche, 49.

LADRÕES! LADRÕES! LADRÕES!

Os assambarcadores

reuniram ontem secretamente para combinar a melhor maneira de roubar o público

QUE O CONSUMIDOR NÃO SEJA COBARDE!

Chegou o momento em que toda a delicadeza, convencional ou sincera, tem completamente de ser posta de parte. Há que colocar os assuntos em toda a sua realidade atroz, classificá-los como merecem, chamar às coisas pelos seus nomes.

Trata-se da carestia da vida. São desnecessárias, ao tocar este tema, as palavras, tam discutido, todos os artificios de linguagem, todas as subtilidades de vocabulário. Vamos directo aos factos.

Há no país alguns milhares de indivíduos dispostos a roubar o povo. São, na sua maioria, comerciantes ou indivíduos a que nos referimos. Esses comerciantes, vendo a cobiçosa dos consumidores, a indiferença dos políticos, e a certeza da impunidade, delibaram efectuar lucros excessivos, elevando caprichosamente o preço dos géneros.

Sem rodeios, a verdade é esta: Esses especuladores esperam elevar progressivamente, continuamente o preço dos artigos de primeira necessidade. Essa aspiração está dia a dia a tornar-se uma realidade pavorosa.

Não há leis, não há códigos, não há castigos, de que eles se não riem, não zombem. Para eles nenhuma lei, nenhum código se superioriza à sua lei, ao seu código, que consistem em enriquecer rapidamente, roubando e reclamando aumento de salário. Os ladrões não de sempre roubar, não de provocar o aumento do custo da vida.

O governo promete medidas energicas, fala em castigos violentos. Mas os consumidores já sabem que as medidas, os castigos do governo, não assustam os assambarcadores, não fazem deter o assambarcamento.

A audácia do assambarcador mede-se pela resignação do consumidor. Quanto mais cobarde é o consumidor, mais audaz é o assambarcador. E a vida subiu tanto, tanto, que faz espantar que a cobiçosa do consumidor tanto tivesse aumentado.

A carestia da vida atenua-se se o consumidor tomar alento, se se resolver por conta própria a liquidar o assunto com os assambarcadores.

É uma questão entre dois grupos colectivos: o primeiro o, menos numeroso, o dos especuladores, o segundo, o mais numeroso, o dos consumidores. O primeiro enriquece à medida que o outro empobrece, ganha um o que outro perde. O primeiro rouba, o segundo é roubado. Se este último se resolver a defender a sua bolsa o assambarcador tem de se resignar a perder a vida, ou deixar de fazer lucros exagerados.

Eis o problema posto, com toda a clareza. Não há frases que o encubram, não há sofismas que o consigam desvirtuar.

Ontem reuniram secretamente, na Associação Comercial, proprietários, comerciantes e industriais para apreciar as causas da carestia da vida. Para assistir a essa reunião secreta vieram expressamente delegados do Porto. Escusado será afirmar-se que se trata duma reunião de inimigos dos consumidores. Se não se pode dizer duma maneira positiva o que lá se passou, não é difícil conjeturar que os seus objectivos se cifravam em estudar os meios de continuarem tripudiando e roubando impunemente.

Se existe a «santa» aliança dos ladrões, deve sem demora organizar-se a aliança dos roubados.

Tem de se exercer uma acção enérgica da parte dos consumidores. Tem de acabar definitivamente o roubo, o espoliamento provocado pelas ambições ilegítimas dum bando negro, de ladrões, de miseráveis!

Os negociantes de cambiais

Efectuaram-se prisões de alguns da negociata — Lembramos os burlões dos 50 milhões de «dólares»

Encontram-se presos no governo civil alguns indivíduos acusados de fazer especulação cambial. São eles Ricardo Domingues, António Mendonça de Almeida, Henrique da Veiga Lima, António Marques, Ferreira Alvim e João Cesar da Fonseca. Os presos desculpam-se, dizem que apenas negociaram, como toda a gente, em papel alemão, insignificante. Aquele *toda a gente*, é claro, refere-se àquela gente que negocia em cambiais. Não sabemos se os indivíduos que estão presos, se limitaram apenas a negociar papel alemão mas podemos afirmar que é facilissimo a quem negocia dinheiro alemão, negociar em libras ou em qualquer outro dinheiro estrangeiro. É uma verdade incontestável que temos sido vítimas de todas as negociações de cambiais que para ali se tem feito. Não sabemos também se o governo está disposto a mandar prender todos os indivíduos que tem entrado nessas negociações.

Recordemos, a propósito de prisões, que os *escrocs* dos 50 milhões de *dólares* andam à solta, talvez negociando novamente em cambiais.

A Companhia Portuguesa encerrou ontem as oficinas gerais pelo facto dos operários terem deixado de fazer tarefas e horas suplementares, conforme resolução tomada, por reconhecer elas serem uma exploração. É natural que o pessoal dos depósitos e reservas abandonou o serviço contra tam injustificada violência.

O «honrado» comércio

De como a «conceituada» firma comercial Abel Pereira da Fonseca & C.ª rouba o público e explora os empregados nos seus quarenta estabelecimentos

Essas taboetas que em letras gordas como chouriços ou inteiriças, como cadáveres designados de firmas comerciais, são apesar da sua aparência inocente e chata a capa subtil que encobre sociedades de exploração pública. Esses estabelecimentos comerciais, com a sua fisionomia sombria, burguesa e sonolenta, tem uma história asquerosa e por vezes sinistra. A gente passa por eles, olha a fisionomia aborrecida dos seus empregados, fita as suas balanças, os seus sistemas de pesar e medir, e supõe que tudo aquilo é sério, legal, submetido à sangão do código. Mas não é... O comércio é também a fraude... e a fraude é o maior lucro do comerciante. O lucro que ele mais ambiciona, porque é o proibido e tudo o que é proibido seduz, capta o atraindo.

Se o leitor não se aborrece leia o que abaixo vai escrito. É a reprodução fiel duma conversa que ocasionalmente tivemos com um empregado, um indivíduo indiferente às nossas ideias mas a quem as fraudes revoltam e a quem as injustiças fazem indignar.

O empregado pertence à conhecida firma Abel Pereira da Fonseca (passe o reclame) que pela cidade tem espalhados 40 estabelecimentos para venda ao público de vinhos e azeites.

Como é natural, lógico, humano ele começou por falar da sua situação económica.

—São grandes exploradores, pagam salários diminutos... miseráveis! Nós ganhamos 4 escudos, e apesar de sermos empregados no comércio, descontam-nos os domingos. De maneira que apenas ganhamos 3\$50. Ora como pode manter-se alguém com tam insignificante ordenado?

—E não tem uma percentagem nas vendas?

—Temos. Mas essa percentagem de facto não existe.

—Como assim?

—Essa percentagem não existe, porque eles servem-se de *truques* para no-la arrancar. Em primeiro lugar enviam-nos vinhos, azeites, águas-ardentes com medidas rou-

badas. De modo que o balanço acusa, muitas vezes, algumas perdas e isso serve de pretexto para nos apanhar a comissão.

—Mas eles não tomam em conta o que enviam a menos?

—Fazem-no proposadamente. É um *truc* para forçar o empregado a roubar o público nas medidas, a fim dele não perder a comissão. É um incitamento descarado, criminoso, ao roubo. Assim recebem em dinheiro aquilo que não enviaram em mercadorias, e ainda à custa, não do seu bolso, mas do roubo feito ao público é arrancada a quantia que torna possível ao empregado suportar a actual carestia dos géneros de primeira necessidade.

—É a atitude dos empregados?

—Não posso dizer-lho duma maneira absoluta. Mas é preciso não esquecer que eles são forçados a apresentar balanços exactos.

E que o público perde com essa exactidão. Como podem eles dar resultados certos, se recebem uma quantidade menor em relação àquela que nos forçam a apresentar?

A interrogação, suspendeu o diálogo. Depois o nosso informador acrescenta:

—O roubo ao público é descarado, a fraude revela o cinismo comercial. O público supõe que adquiriu um garrafão de 5 litros de vinho. Supõe, mas enganase... Esse garrafão apenas tem 4 litros e meio. O vinagre retiraram-no da venda por medida, porque se julgou mais lucrativo vendê-lo em garrafas de 6 decilitros. Havia 2 qualidades de azeite. Uma era vendida a 3\$60, e a outra, a melhor, a 4\$00. Para obter maior lucro misturaram o azeite e vendem-no a 4\$00. Esta burla, estupidamente feita, estragou o azeite de melhor qualidade. Os vinhos finos, doces, são uma falsificação torpe. Há um a que eles se lembraram de chamar «branco velho».

Começa por ele ser originariamente branco novo... novíssimo...

—E como envelhece?

—Com simplicidade. Deita-se-lhe álcool para lhe aumentar a força, açúcar para adoçar o vinho e iludir o freguês.

Aqui tem os leitores como a firma comercial Abel Pereira da Fonseca & C.ª, no momento presente explora os empregados e rouba o público, nas suas 40 casas de comércio...

Uma velha cantiga...

No ministério da agricultura, efectuou-se ontem à noite uma conferência do titular daquela pasta com os seus colegas da justiça, comércio, colónias, finanças e trabalho, tratando-se de assuntos relativos às medidas a adoptar para o barateamento da vida. Também na secretaria das finanças houve anteontem à noite uma reunião de vários ministros que se ocuparam da questão cambial e das medidas tendentes ao barateamento dos géneros de primeira necessidade.

Toca-se novamente a árdua do barateamento.

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, na 4.ª Secção desta Universidade, Campo de Santa Clara, 87, 1.º, uma conferência sobre as obras literárias de Julio Diniz, a qual será a última da série de conferências do dr. sr. Câmara Reis.

Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

Faculdade de Medicina do Porto

A cerca da transferência da Faculdade de Medicina do Porto para o edificio ocupado pela guarda republicana no Bomfim, o ministro da saúde recebeu o seguinte telegrama do dr. sr. Sousa Júnior, presidente do Senado municipal:

«Muito agradeço a atenção que v. ex. dispensou à comissão e tomo a liberdade de dizer que, tendo tido a cidade recebido muito bem a ideia da transferência, contamos aqui com a resolução do caso em muito poucos dias. Saudações ao ministro, reitor e amigo.»

Mário DOMINGUES

UM DEPOIMENTO VALIOSO

Mais crimes—Prisões e deportações—Os negreiros e os assambarcadores—Uma «pavorosa» —A caça ao recruta—Palhotas incendiadas e trabalhadores a ganhar sessenta réis diários

O que nos conta um nativo chegado há pouco da provincia de Angola

O sr. Miguel António de Loanda, delegado de relações inter-provinciais do Partido Nacional Africano, encontra-se actualmente em Lisboa incumbido duma missão qualquer do mesmo Partido. Recentemente chegado de Angola, a sua opinião sobre o que por lá se tem passado e que nestas columnas temos arquivado, é valiosa. Por isso o procurámos ontem e nos dispuzemos a ouvi-lo com agrado.

Um apêto de mão sincera, não sem uma pontinha de emoção selou a nossa amizade que principiava naquele momento.

Miguel António de Loanda falou-nos logo da campanha que levantámos a favor da raça negra, o que nos deixou um pouco confusos porque certas amabilidades não encontram em nós acolhimento espontaneo.

Era lógico, era fatal, após breves rodeios caímos a fundo sobre o assunto que estava no pensamento de ambos, o assunto que enche os nossos cerebros e os nossos corações.

—Impressões de Angola?—fez o nosso entrevistado num sorriso triste.—Má, meu bom amigo, muito má. Percorri algumas regiões, especialmente do litoral, e por toda a parte encontrei a mesma incúria governativa. O alto commissário está fazendo uma politica depravada: perseguição ao negro e protecção ao europeu.

Calou-se por momentos o nosso interlocutor, e o sorriso que há pouco iluminava a sua face negra, murchara-lhe nos labios grossos, e uma prega de angustia deixou-se-lhe sobre os olhos. Prosseguiu, então, a mea voz:

—Uma das primeiras injustiças do alto commissário foi a demissão de funcionários indígenas de integral competência e probidade, conforme você já fez referência na *Batalha*. Essas arbitrariedades provocaram protestos, os protestos ocasionaram mais violências. Até que o negro foi expulso, por assim

dizer, do convívio social, não lhe sendo permitido transitar, como qualquer branco, pelos passeios das ruas de Loanda!

A fúria de matar atingiu o delírio — Uma associação indígena encerrada

—E linchamentos? — perguntámos de súbito, impacientes, ansiosos por conectar toda a verdade.

—Barbaridades!—exclamou.—A fúria de matar para roubar...

—Sim, para roubar ou por simples preconceito de raça atingiu o delírio! Por lá cá aquela palha mata-se um preto. Os assassinos sabem que estão ao abrigo da mais revoltante impunidade.

—E ainda há quem tenha ilusões acerca do governo de Norton de Matos—comentámos.

—Conhece os acontecimentos de Catete?

—Relatámo-los na *Batalha*...

—Ouça, porém, mais estes pormenores importantes—acrescentou o nosso entrevistado.—Ao mesmo tempo que em Catete esses factos graves, revoltantes, se davam, o commissário mandava selar a Liga Angolana, cercar e invadir pela sua guarda pretoriana as casas dos dirigentes dessa agremiação indígena, tais como as de Espírito Santo, Dias, Vandunen e outros. Alguns desses dirigentes foram presos e as senhoras de suas famílias desrespeitadas. O meu conterraneo Assis, director do *Angolense*, viu também a sua casa assaltada.

—Além de inúmeras prisões efectuadas, fizeram-se buscas domiciliares e deportaram-se muitos negros, alguns dos quais para a Guiné. Outros por ordem pessoal do alto commissário, foram intimados a fixar residência nas regiões mais docilissimas da provincia.

Os presos obrigados a comer restos de rancho em decomposição — O esbulho de terrenos

Interrogámos o sr. Miguel António de Loanda sobre o tratamento que davam aos presos.

—O pior, o mais revoltante!—apressou-se a dizer—Lançaram-nos em massmoras infectas e proibiram-nos de receber a comida que as famílias lhes levavam a fim de obrigá-los a ingerir—veja a infâmia!—sojeos de rancho em decomposição!

—E' estupendo!

—E a que atribui essa fúria de perseguição?

—Motivo sério que as provocasse não conheço. O que sei, o que lhe posso dizer é que o commissário anda há muito suggestionado pelas oligarquias escravagistas, compreende? Que o tem positivamente na mão. O seu interesse, notem, está em snoprimir ou fazer calar os nativos mais ilustrados, portanto mais perigosos, que se opunham, aliás, e legalmente, aos seus desmandos.

—Vamos compreendendo. A alta finança, os grandes proprietários...

O nosso entrevistado continuava:

—Faltava um pretexto—mas inventou-se, tramou-se um «complot» revolucionário, com o fim de comprometer esses indígenas.

—Uma «pavorosa»...

—Justamente. Alguns jornais da metrópole referiram-se ao assunto. O sr. alto ou baixo commissário depois de cercar todas as liberdades soprou para os seus agentes em Lisboa a grande novidade: pretendiam matá-lo, o indígena revoltado.

—A tática é velha—dissemos.—Não há muito tempo que em Lisboa se quiz tramarem um caso idêntico.

—Entretanto, os colonos os mais

colonos, incitados por essa politica de sujeição redobrarão de audácia nas suas extorsões.

—Esbulho de terrenos?

—Sim, tem-se roubado descaradamente!

O indígena caçado para a vida militar — Trabalho pesado, chicotadas, palmatoadas, por sessenta réis diários

A conversa variou um pouco. Faldamos no recrutamento de soldados indígenas.

—Esses recrutamentos são verdadeiras caçadas!—exclamou o nosso entrevistado.—Caçam-se homens, como se caçam feras, para submetê-los à escravidão militar. Só duma vez, o capitão Coelho da capitania do porto conseguiu caçar setenta e cinco indígenas pescadores da ilha de Loanda. Sabe quantos desses morreram em consequência de castigos corporais? Diz!

—A força pública coopera revoltantemente no crime praticado contra os nativos. Quer ouvir um caso frisante?

—Os trabalhadores indígenas duma fazenda dum tal José Bernardo, abandonaram, uma vez, o trabalho por não poder suportar por mais tempo as chicotadas e palmatoadas, com que os amilhomoseavam. Foi quanto bastou para que a referida propriedade fosse cercada por uma força comandada por um sargento que infligiu aos trabalhadores as piores violências. Não satisfeito com as agressões, incendiou as palhotas desses negros, perecendo no meio das chamas quatro crianças e um enfermo de 23 annos.

Agora uma nota curiosa e interessante para a *Batalha* que é jornal de trabalhadores, de escravos: os *tais trabalhadores* ganhavam *por dia seis centavos*.

—Entretanto, os colonos os mais

Uma tremenda violência

A Companhia Portuguesa encerra as oficinas gerais ao seu pessoal, por este deixar de fazer tarefas e horas suplementares!

As leis fazem-se neste país somente para que os operários as cumpram. Os proprietários, industriais, comerciantes, etc., podem à vontade desrespeitá-las, porque não há ninguém que tenha a coragem de os meter na ordem.

Com o horário de trabalho verificasse, a cada passo, a razão das nossas palavras, porquanto, principalmente pelas diferentes empresas exploradoras das várias indústrias que para aí existem, ele não é tomado na devida consideração, mas simfismo a cada instante.

A dois dias da publicação do regulamento do horário de trabalho, em que taxativamente é fixado o dia normal de 8 horas para todo o operariado, já se verifica o seu atropelamento pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.

Reconhecendo o seu pessoal de oficinas, depósitos e reservas de Lisboa, que o serviço de tarefas e horas suplementares a que estava sujeito para poder viver mais desfogadamente, representava uma ignóbil exploração, visto que o respectivo jornal era infimo, já com o intuito de o obrigarem a trabalhar daquela forma, e em presença do desejo da Companhia em pretender elevar a todo o momento o horário de trabalho a 10 horas, e ainda porque a Companhia não cumpriu o que convençionalmente com o dr. sr. Nuno Simões, quando este foi ministro do comércio, de que equipararia o jornal do referido pessoal ao do operariado da indústria particular, reuniu aquele e resolveu terminar com o serviço de tarefas e horas.

Este pessoal, sacrificado imenso pela Companhia de há anos a esta parte, encontra-se moralmente numa situação deprimida, visto que a Companhia lhe cerceou todas as regalias que usufruía até 1920, recebendo-o ao serviço após o último movimento grevista sob um contrato de trabalho vexatório, e não o considerando ferroviário!

Há perto de dois anos que se mantém a referida situação sem que a Companhia tenha a mínima consideração pelos serviços dos seus agentes, pagando-lhes como devia.

Como protesto para com a conduta desleal e desumana daquela, estas camaradas reclamaram o cumprimento da afirmação da mesma com referência à equiparação dos jornais como atrás se diz, e restauração das regalias cerceadas, e a Companhia, como resposta, encerrou ontem as oficinas gerais.

O pessoal dos diferentes depósitos, que tem acompanhado o assunto desde o seu início, está disposto a prestar toda a solidariedade aos seus camaradas.

São perto de 500 homens que se encontram sem trabalhar, para satisfação da Companhia.

Sindicato Ferroviário

NOTA OFICIAL

Registou-se ontem mais uma prepotência da parte da Companhia para com o pessoal das oficinas gerais, encerrando-lhe as respectivas oficinas.

Não satisfeita com o sem número de violências cometidas a toda a classe durante os últimos anos, ela pretende de vez esmagar o pessoal que mais tem sofrido os seus rancores.

Depois de lhe ter cercado todas as regalias que o mesmo pessoal possuía, conquistadas à custa do seu trabalho e do fim de muitos esforços, quer negar-lhe o direito à vida, não o deixando trabalhar.

Não pode a Companhia persistir na sua teimosia, porquanto o restante pessoal saberá impôr-se, não consentindo numa afronta desta natureza aos seus camaradas.

O Sindicato chama a atenção da classe para o decorrer dos acontecimentos, afirmando que não deixará a questão sem que a mesma seja resolvida, fazendo-se a justiça devida ao pessoal afetado.

Que o restante pessoal vá ajuntando da conduta desleal da Companhia, rejeitando todos os ataques traiçoeiramente vibrados para a aniquilar de vez.

Que a classe jamais renegue o seu passado ativo e digno.

Os corpos gerentes do Sindicato

Apreciando um alvitre

A Caixa de Solidariedade deve ser organizada no próximo Congresso Nacional Operário

Tendo apreciado devidamente o artigo inserido em *A Batalha* de domingo sob a epigrafe «Um alvitre interessante» e porque discordasse-mos do mesmo, resolvemo-nos algo dizer sobre tam importante assunto.

Resumiremos ao mínimo as nossas considerações, tendo em atenção a falta de espaço com que luta o nosso jornal.

Como muito bem dizem os nossos camaradas presos por questões sociais, é necessário que, de uma vez para sempre, se tomem resoluções, que levadas ao campo da prática façam atenuar, quando não possam fazer cessar completamente, a grave situação porque geralmente passam aqueles que, convictos num ideal, pelo mesmo têm a desdita de cair nos republicanos tempos de opressão.

É um facto, como diz o articulista que nos traz à discussão, que as instituições de solidariedade actualmente existentes não correspondem inteiramente ao seu objectivo, e que há a necessidade de criar uma instituição de solidariedade que venha dar fim às anomalias encontradas até ao presente.

Até este ponto de acordo nos encontramos, o que porém já não sucede, quando nos é lembrada a conveniência de constituir uma comissão mista composta por representantes dos organismos sindicais, anarquistas, comunistas e socialistas, etc., que teriam a missão de organizar uma base para um organismo nacional de solidariedade.

Interessante paradoxo. Para prestar solidariedade aos presos por questões sociais, iríamos colaborar com partidos políticos, que amanhã, sentados nas cadeiras do poder, (como já sucedeu com o último), relutância alguma teriam em fazer encarcerar ou consentir no encarceramento de operários que uma ideia nobre e sincera perseguissem.

O estudo e a prática fartamente nos têm demonstrado que os trabalhadores somente devem contar com o seu próprio e directo esforço, e nunca com o daqueles que, servindo-se da força da grande família trabalhadora, se pretendem guindar às alturas culminâncias do poder.

Digamos mais o nosso critério sobre a fórmula de criar a Caixa de Solidariedade Nacional.

Perifoneando quasi totalmente a parte da tese da Federação Metalúrgica em Portugal no tocante a tal assunto, nós julgamos que o próximo Congresso Nacional Operário deve criteriosamente e ponderadamente discutir tal assunto, tendo como fim principal a criação na C. G. T. de uma «Secção Jurídica e de Solidariedade» destinada a com o produto de uma percentagem incluída no selo-cota confederal, tratar cabalmente da situação, não só financeira como jurídica, das camaradas sindicadas da região portuguesa, presos por questões sociais.

A parte da C. G. T. Nacional, cada organização extra-sindical trataria para os seus filiados de organizar umas Caixas de Solidariedade consoante entendessem e julgassem melhor.

F. Almeida MARQUES

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

TEATRO MARIA VITÓRIA

(Avenida Parque)

A's 21 e às 22,45

LUA NOVA

GRANDE SUCESSO

Amanhã: recita da moda

Classes que reclamam

Sindicato Unico da Construção Civil

Convidam-se todos os camaradas da Construção Civil, sem distinção de classes, a reunirem hoje, pelas 21 horas, em sessão magna na sede do Sindicato, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, e nas Secções Sindicais do Alto do Pina, Belém, Palma e arredores, Beato e Olivais e na Charneca, para a comissão de melhoramento dar conta dos trabalhos realizados sobre o aumento de salário.

Os delegados que tomam parte nas sessões magnas das secções, são os seguintes: Belém, Francisco Luís e Manuel Pereira Maria; Alto do Pina, Artur dos Santos e Joaquim dos Santos; Palma, Edmundo da Silva e Aníbal dos Santos; Beato, Alexandre de Assis e António de Matos, e Charneca, João Jorge e João Caldeira.

Ferrovários do Estado

A comissão de melhoramentos do pessoal dos Caminhos de Ferro do Estado entregou ontem no gabinete do ministro do Comércio a nota da reclamação: «que a classe resolveu na sua reunião magna de 10 de corrente apresentar ao governo. Essas reclamações são em resumo as seguintes: nomeação de todo o pessoal já classificado em concurso; que não se realizem mais concursos sem que os respectivos quadros estejam devidamente preenchidos; abono a todo o pessoal das subvencões em dívida desde Julho de 1921 a Janeiro do corrente ano e que aos ferroviários do Estado seja concedida nova subvenção, não esquecendo os reformados e inválidos.

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

Na sua última assembleia geral, os soldadores de Cascais deliberaram reclamar dos industriais 50 por cento sobre os actuais salários.

Emquanto não forem atendidos, lembram aqueles camaradas aos soldadores do país para que não vão para ali trabalhar.

Manipuladores de Pão

Reuniram a fim de apreciar as demarções realizadas pela comissão de melhoramento. Falaram vários oradores tendo defendido o acordo realizado no governo civil, perante os industriais.

Apreciou-se a questão das balanças e foi resolvido que uma comissão procure o governador civil a fim de se conseguir que os industriais paguem semanalmente como está no acordo.

Soldadores de Cascais

A BATALHA na província e arredores

A guarda republicana na Praia da Nazaré espanca bárbaramente os presos

Praia da Nazaré

9 DE JULHO

A dentro do quartel da guarda republicana espancam-se canibalescamente os presos

É geral a justa indignação em face da atitude insuportavelmente provocadora e imoral da guarda republicana aqui aquartelada, nomeadamente do respectivo comandante, 1.º cabo António Joaquim Cardoso, sobre quem pesa a directa responsabilidade dos castigos corporais canibalescamente, sistematicamente aplicados a todos os indivíduos que por qualquer fútil motivo submisso à sua despótica autoridade. Lógico seria que nós, como a realidade de que nos presamos, traçássemos uma curiosa psicologia do indivíduo a quem a culpa dos seus actos, em grande e a eloquência dos factos que a propósito vamos relatar:

Por via de diversas pessoas, que viam todas de indignação, veio há dias ao nosso conhecimento de que dentro do quartel da guarda haviam aplicado os piores maus tratos na pessoa de um preso de nome Joaquim Marques, que nós muito bem conhecemos. Não tanto pela própria curiosidade como principalmente pelo desejo de bem informar os nossos leitores, tratámos imediatamente de procurar o referido preso a fim de averiguarmos da veracidade das declarações dos nossos informadores.

Facil nos foi encontrar o homenzinho de profundamente sensibilizável fôco como a reconstrução por ele feita da revoltante cena de que foi vítima.

Perseguido pelo cabo da guarda e alguns dos seus subordinados, o nosso interposto, que era acusado de protagonista de uma curta scena do clássico do rio, foi pelos mesmos capturado quando se dirigia a sua casa, isto depois de ter sido guardado, sob os ordens do referido 1.º cabo, terem obrigado a companhia de que a abrir-lhes a porta para uma busca, não obstante serem 11 horas da noite, e por consequência a ele não permitir semelhante procedimento.

Acto contínuo, à voz de prisão, e sem a menor consideração pelas pessoas presentes, foi aplicado ao preso o como que exórdio da formidável sova de cavalo marinho, feito que levou todos os assistentes a formularem o seu indignado protesto contra tal insolita selvageria. Porém, uma vez no posto, e portanto fora dos olhares indiscretos, depois de tomadas as necessárias precauções a fim de que cá fora nada transpiresse do que dentro se passava, recommencaram o brutal e covarde espancamento do preso de tal forma zurrizaram e maltrataram o pobre homem que este, recalcando não sair mais vivo das garras do seu algoz, prostrava-se em atitude suplicante pedindo que não o matassem, provocando a situação de um filhinho que tinha agonizante!!!

Submetido no dia seguinte a um exame médico, este constatou a existência, principalmente sobre a região lombar, de equimoses excessivamente accentuadas e de larga superfície e com complicações de carácter interno!

Foi instaurado processo-crime ao aggressor, tendo já seguido para juízo.

O povo, que está profundamente indignado, reclamou um rigoroso inquérito aos actos do dito comandante.

Consta-nos que pelo tribunal de Alameda está correndo identico processo também contra o mesmo indivíduo. — C.

Ponte do Lima

9 DE JULHO

A propósito da fundação dum centro monárquico

Não era minha intenção referir-me à fundação dum centro monárquico, denominado «Núcleo das Juventudes Monárquicas de Ponte do Lima».

Não era minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

— Não é minha intenção referir-me aqui à fundação do aludido centro, já dizendo, pois a monarquia já há muito que buaqueou, e a república — se a isto é possível — chamar-se república — para lá caminha a passos agigantados.

Relatemos: Num dos primeiros dias do p. p. mais as forças azuis e brancas do «olho vivo» cá do burgo, reuniram em certa casa e ali fundaram um covil — perdão — um centro monárquico (como que ainda há pouco tive conhecimento) para fazerem propaganda da causa

Monárquica.

e esperarem a D. Monarquia, que, numa manhã de denso nevoeiro e de braco dado com D. Sebastião, entrará triunfante em Portugal!

Um dos muitos oradores que aí deixou epistola, depois de muitas baboseiras que proferiu e de que, excepto uma, não vale a pena fazer-lhes menção, teve estas palavras que são significativas: «Se a monarquia pode salvar o país!... Os leitores leram? «Se a monarquia pode salvar o país!...»

Como se no tempo da monarquia não houvesse também ladrões; príncipes e princesas, reinóis e rainhas; e a semelhança dos estadistas de hoje, gastasse em banquetes e passeatas ao estrangeiro quantias fabulosas à custa do trabalho deste depauperado, escravizado e infeliz povo português...

Intrujões!... O que vale é que o povo já não os acredita; abandona-os cada vez mais.

O povo sabe muito bem que só conquistará o seu quinhão de bem estar e tudo aquilo a que tem direito, quando derrubar os alicerces carcomidos deste sistema de governo iníquo e caduco em que vivemos e pelo qual os homens de Estado nos regem, e implantar o regime de igualdade, de justiça e de amor!

Até os cães pagam imposto!

A Câmara de Ponte do Lima, não sabendo como arranjar receita para a construção de grandes monumentos, que tentava mandar edificar, como a casa do hotel do Passeio Cándido do Reis, e manter a já célebre e fulgurante iluminação pública, que ilumina a vila de lés a lés — lançou um imposto sobre os cães!

Assim, cada indivíduo que tenha um cão tem de o matricular e tirar uma licença anual, a qual lhe custa 3\$70, pois em caso contrário, o cão será apanhado na rua, com uma rede, pelos dispostos zeladores municipais e daí levado para o Matadouro, onde será morto se o seu dono não pagar a respectiva multa que vem a ser de 12\$00, segundo nos disseram!

A Câmara lançou este imposto à face de alguma lei governamental, lei que lhe concede o direito de cobrar de 1 a 6 cêntimos a quantia por mim já apontada.

E, então, que dizem eles no tempo da propaganda: «Ainda não sabes José que lançaram também agora um tributo sobre os cães?»

«Então quem há de guardar as nossas eiras e os nossos casais? Um bom cão de guarda é o melhor ferrolho que pôde ter o lavrador. O cão é o amigo do pobre. Por esse andar nem o misero cão, que pede esmola pelas portas, está livre de tributos. Louvado Deus, que até os mendigos vão pagar décima à realta!»

Sem comentários.

A carestia da vida

Continuam subindo os géneros alimentícios duma maneira vertiginosa e assustadora, tornando-se a vida cada vez mais insuportável para aqueles que vivem do seu trabalho.

A fome que há muito entrou nos pobres lares dos proletários, vai tomando dia a dia maior vulto, e o número de tuberculosos e de mortos aumentando na mesma proporção.

E' uma loucura esta febre de enriquecer em pouco tempo e a custa dos que trabalham.

E o governo não resolve o problema económico e financeiro, metendo na ordem certas criaturas, e o povo vai perdendo com a sua justiça!

Não podemos assim viver!

Horário de trabalho

O horário de trabalho, de 10 horas, que foi estabelecido no 1.º de Maio pelos operários, continua a ser cumprido pelos mesmos.

Bom será que este horário seja reduzido a 8 horas, como é desejo de quasi todos os trabalhadores.

Rectificação

No meu último comunicado dizia: «O que condão é o povo dar 3\$50 e mais para ver duas touladas que nos dias 24 e 25 aqui se efectuaram!»

Quando devia escrever: «O que condão é o povo dar 7\$00 e mais para ver duas touladas que nos dias 24 e 25 aqui se efectuaram!»

Fica, pois, desfeito o equívoco.

Mais uma toulada

Não satisfeitos com as touladas bárbaras e anti-humanas que se realizam

em Portugal: cravejar o corpo do touro com pedaços de ferro, ainda o menino conde de Aurora e seus acólitos queriam dar aqui uma toulada, com touros de morte!

Posta a Sociedade Protectora dos Animais, do Porto, ao corrente do que se passava, esta telegrafou ao presidente do ministério, governador civil de Viana-do-Castelo e administrador do nosso concelho, protestando contra tal selvageria, proibindo então aquele senhor em absoluto, tal toulada. — C.

Olhão

8 DE JULHO

Os lojistas abusam da lei do horário e descansa semanal

Há um tempo a esta parte tem-se notado nesta localidade o abuso constante dos senhores comerciantes no que diz respeito à abertura dos seus estabelecimentos e encerramento e também sobre o descanso semanal.

Pois com todo o descaramento e sem respeito por ninguém, abusando assim de seus empregados, estão abrindo 8 horas da manhã e encerrando às 7 da tarde e alguns ainda vão mais além.

A maioria das mercearias está desrespeitando a lei do descanso semanal, sacrificando assim os seus empregados, que por sua vez estão exaltadíssimos com esta pouca vergonha dos gananciosos e exploradores do povo sacrificado.

As autoridades locais não olham por isto, deixa-as à vontade e elas fazem o que querem.

Dando-lhes largas, ainda se ha-ver mais.

Os empregados no comércio já se estão mexendo e oxalá que se saibam pôr no seu lugar, defendendo assim o direito que lhes pertence para honra da sua classe.

A Associação dos Empregados no Comércio e Indústria reuniu no dia 7, tratando-se deste assunto em especial, tomando-se medidas importantes. — C.

Estiramantens

8 DE JULHO

Mais uma vingança

Coube agora a vez na peça ao personagem Joaquim António, pois desconfiando que o nosso camarada José Palmeira estava aquartelado no proibido expressamente de frequentar a associação sob pena de o pôr na rua da casa onde habita com sua mãe e irmã, isto sem mesmo directamente a casa lhe pertencer.

Este e outros da mesma força estão despertando no povo a verdadeira ideia da emancipação, pois só agora começam a reflectir que eles que se doem alguns remorsos temem e então para a frente é que caminham.

Ainda não há muito tempo que indo a Tavira um sr. Joaquim Pereira Neto e estando uns marítimos procedendo à descarga de certa mercadoria, teve o homenzinho o desplante de alcançar todos de «malandros»; mas desta vez ia-lhe custando cara a audácia, porque, elle bem o sabe, se trouxe os dentes intactos por que as pernas lhe pagaram o trabalho.

Aconselhamos, pois, os nossos camaradas a não se deixarem ir na rede dos que os esfolam porque diz o ditador: «Na maior trovada espalha o tempo».

Oeiras

7 DE JULHO

O comércio e as 8 horas de trabalho

Nos estabelecimentos de mercancia em tempo algum foi respeitado o horário de trabalho.

O desrespeito cada vez se avoluma mais.

Em tempos lájás as mercearias encerravam as suas portas às 20 e 21 horas, agora chegam a ser 23 horas e mais e os estabelecimentos encontram-se abertos com os seus empregados ao serviço.

Ainda quando fecham, os empregados fazem-se de trabalhar em armazéns fazendo contas do que o patrão arrecadou naquele dia, etc.

Existe em Paço de Arcos uma Associação dos Empregados do Comércio dos concelhos de Oeiras e Cascais, mas só serve para os empregados de Paços de Arcos irem para ali divertir-se com

limpando o suor disse a Seráfica:

— Parece-me um sonho; esta família é hoje a dona da aldeia, que digo? de tudo isto em volta.

E' preciso estar bem com elas que terão mais soberba que Lucifer. Mas quem tem dinheiro faz e desfaz. Sinto o que se passou com Gertrudes e a culpada foi a velha Carolina, que veio com histórias. Sem embargo, esses Carpi serão afortunados e eu também, se me nomearem administrador.

O trem afastava-se.

— Vistes o cura — disse Gertrudes, — como elle nos tratava por senhoria e como se desfazia em reverências.

— E' o seu dever — respondeu Nina pavoneando-se; — o primeiro desses brutos montanhese que se apresente perante nós com o chapéu na cabeça, ponho o na rua... satisfaremos o nosso gosto.

Victório, com a carabina no braço, sentado na ponte, olhava a povoaçãozinha e com um sorriso repetia para consigo:

— Dentro dum mês deixarei o serviço e tratarei de me casar imediatamente, porque, jnadade demoras, ela pode arrepende-se! Gertrudes casará comigo e tu o isto será meu.

— O que deve a nós.

— Minha irmã pensa em casar e pode você dar os passos precisos junto do velho Carpi para que se arranje o casamento de minha irmã com Pepe.

— Tenho que lavar a ofensa que me fizeram negando-me Pedro.

— Como, quer casar com Pepe? — perguntou admirada Seráfica.

— Como as senhoras ordenem. Com muito gosto darei os passos necessários.

— Vamo-nos embora — disse Nina levantando-se, e já sabe que quando for preciso o mandaremos chamar e no intervalo prepare o que lhe disse Gertrudes, e de-nos conhecimento de todas as novidades que se forem dando.

— Obrigado, obrigado.

— A'manhã — ajuntou Nina, — avisará a todos que somos nós as proprietárias e você assim que receba um aviso nosso irá ver-nos a Bari, e dar-lhe-hemos algumas instruções... e já que estamos aqui, vou antecipar-lhe um propósito nosso. A família Carpi tem-nos feito muito mal e é preciso que o repare.

— Oh! fá-lo-há, porque o pouco que tem não chega para pagar o que deve.

O trem afastou-se e o cura

diversidades de jogos, toques de bandolim e cantos de fado.

E vamos indo neste bonito divertimento e os nossos exploradores a cravar as suas garras aduncas no nosso corpo depauperado.

A Associação de Classe dos Caixeiros de Oeiras e Cascais, em vez de possuir este nome, seria mais bem adoptado que lhe puzessem o rótulo de club dos empregados do comércio de Paço de Arcos, visto que só estes para ali vão. — C.

Guarda

10 DE JULHO

Congresso Operário e carestia da vida

Reuniu em assembleia geral, a Associação 1.ª de Maio, no domingo último, a fim de se resolver sobre a adesão ao Congresso Nacional Operário e de se nomear o respectivo delegado.

A assembleia concordou, por unanimidade, que se mandasse ao Congresso um representante da Associação, recusando a escolha sobre Joaquim Gonçalves Bento, que depois da troca de alguma e ligeiras impressões, aceitou o cargo.

Também foi nomeada uma Comissão, composta de Lourenço Gonçalves, José Aires, Alberto Trindade, Manuel Marques e Francisco Monteiro, para tratar, junto das autoridades competentes, do problema das subsistências, reclamando medidas rigorosas e necessárias para que o abastecimento da batata a preços razoáveis, seja garantido e a immediata abertura d'armazem regulador.

Dr. Lopo de Carvalho

Morreu o dr. Lopo de Carvalho, suadeidade médica em doenças pulmonares, e fama, por assim dizer, universal, tendo, por isso, a sua morte extraordinariamente notada. O enterro foi com o mais solene, tendo-se nele representado as tobas as classes. Junto da campa juraram diferentes amigos do falecido, o dr. sr. Amândio Paul, um dos doentes do Sanatório Sousa Martins, etc. O segundo dos oradores impressionou profundamente os assistentes, pela maneira sentida e vibrante como se exprimiu.

As balanças da Câmara

Fazem-nos os queixas de que as balanças da praça não se encontram nas condições legais para poderem funcionar, dando diferenças de pesos, contra os consumidores, que chegam a atingir quasi um quilo em seis. Isto não pode tolerar-se mais um momento, especialmente nas

Associação de Socorros Mútuos

“O FUTURO”

ASSEMBLEIA GERAL

Reúne pelas 20 e meia horas de 14 do corrente, na rua dos Lagares, 26, 1.º, D., a fim de apreciar e resolver acerca do Decreto n.º 8187.

Não restando por falta de número legal de sócios, terá lugar novo reunião em 25 do corrente, à mesma hora e local.

Liboa, 11 de Julho de 1922. — O presidente da mesa, J. J. Pereira.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

LEILÃO

Em 17 de Julho próximo futuro e dias seguintes, às 11 horas, por intermédio dos Agentes de leilões sr. Casimiro Cândido da Cunha e Sobrinho, Successores, na estação desta Companhia em Lisboa, Casa dos Soldados, e em virtude do Aviso no Publico A. n.º 1 de Fevereiro de 1920, do art. 112.º da Tarifa Geral e do art. 9.º da Tarifa de despensa accessorias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avizna-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito à Companhia, para o que deverão dirigir-se à Repartição de Reclamações e Investigações, na estação do Rio dos Soldados, todos os dias úteis até 15 do referido mês de Julho, inclusive, das 10 às 16 horas.

O leilão realiza-se no novo Armazem situado no fim do molhe n.º 3 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolónia, de frente do gradimento.

Liboa, 31 de Junho de 1922.

O Director Geral da Companhia

(a) Ferreira de Mesquita

PRECISA-SE official, prefere-se que conheça ferramentas de fabrica de conservas. Dirigir a José Augusto M. Tainha, Serralheria «A Progresso» — OLHÃO.

COMPRO

Móveis velhos e escangalhados, assim como me encargo de restaurar mobílias e de todos os trabalhos de carpintaria, etc. Escrevam postal para Joaquim Cardoso, rua Barão Sabrosa, 81, 1.º

limpando o suor disse a Seráfica:

